

O Olho Egípcio dos Barcos dos Pescadores da Costa da Caparica

Pelo Professor Doutor José Sales, Egiptólogo, Docente da Universidade Aberta

Creio que se justifica, de facto, a tese da origem egípcia para o «olho» das embarcações, embora nem sempre seja fácil traçar o percurso ao longo dos tempos de tal símbolo-signo.

Ele existe, de facto, bem identificado, no seio da mitologia e da arte egípcia (junto algumas figuras). Segundo a mitologia, morto Osíris, o rei-deus do princípio dos tempos, o trono foi disputado pelo seu filho póstumo (gerado de forma miraculosa) Hórus e pelo seu irmão Set. Os dois rivais envolveram-se numa sangrenta e feroz disputa pela posse do trono do Egito como herdeiros de Osíris. Esta disputa assume o dualismo característico da luta entre a luz e as trevas, o céu e a terra, o Bem e o Mal.



Ilustração 1 - O olho-udjat como amuleto de turquesa e faiança negra.

Set, durante uma das lutas, arrancou um dos olhos do sobrinho (o olho esquerdo). Este, por sua vez, arrancou os testículos do tio. Incapaz de se reproduzir, não constituía, pois, uma solução válida para a transmissão do poder e o Conselho dos Deuses decidiu que seria Hórus a merecer suceder a seu pai. Dessa forma, o poder passou de Hórus para os futuros faraós terrestres, concebidos ideologicamente como novos Hórus. No início da época histórica a identificação entre o faraó e Hórus era já total: o faraó *era* Hórus e vice-versa. Os soberanos terrestres seriam uma reencarnação do deus tutelar da monarquia.

Hórus (*Hor*) era assim considerado no Egito antigo como o deus protector da monarquia faraónica, do Egito unido sob um só faraó do Alto e do Baixo Egito, e o oponente por excelência de Set. A oposição a Set parece derivar de reais antagonismos políticos pré-dinásticos em que Hórus seria a divindade tutelar do Baixo Egito e Set a do Alto Egito. A doutrina de Estado manteve e sustentou esta incarnação do Baixo Egito por Hórus em oposição a Set, como incarnação do Alto Egito.

Hórus, era, portanto, o deus hieracomorfo do céu, representado, pois, como um falcão, personificando o próprio céu. Os seus olhos eram o Sol (olho direito) e a Lua (olho esquerdo). «Magoado» o olho esquerdo pelo tio, foi necessário que o deus Tot fizesse um olho substituto.

Como o olho maltratado permaneceu intacto e são, é chamado *udjat*, que significa justamente íntegro, intacto, são, completo, saudável. Na arte egípcia, o *udjat* é um dos amuletos mais comuns, como símbolo apotropaico que protegia contra o mau-olhado e contra perigos iminentes ou imaginários.

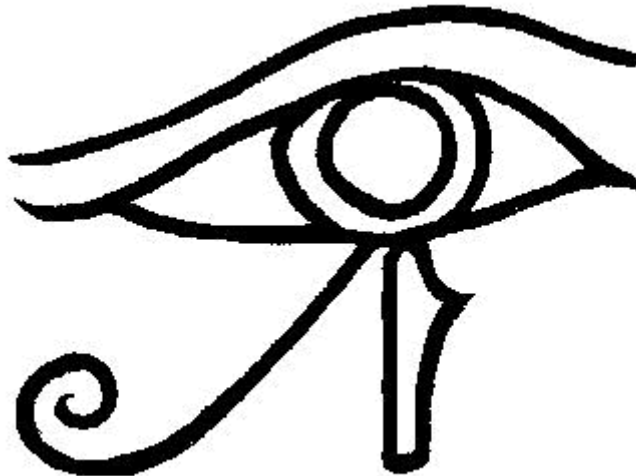


Ilustração 2 - Representação estilizada do olho profiláctico do deus egípcio Hórus.

Em termos concretos, tem uma forma híbrida: a forma geral e a sobrancelha derivam do olho humano, enquanto as linhas desenhadas por baixo correspondem a um olho de falcão (o animal sagrado de Hórus na mitologia egípcia). É representado em estelas e em especial em sarcófagos, no seu interior ou sobre a imagem de uma porta falsa orientada para Oriente. Tornou-se o símbolo para o estado de perfeição. Tornou-se um signo protector por excelência. Como amuleto, o *udjat* era também colocado nas faixas das múmias ou usado como colar ou num colar.

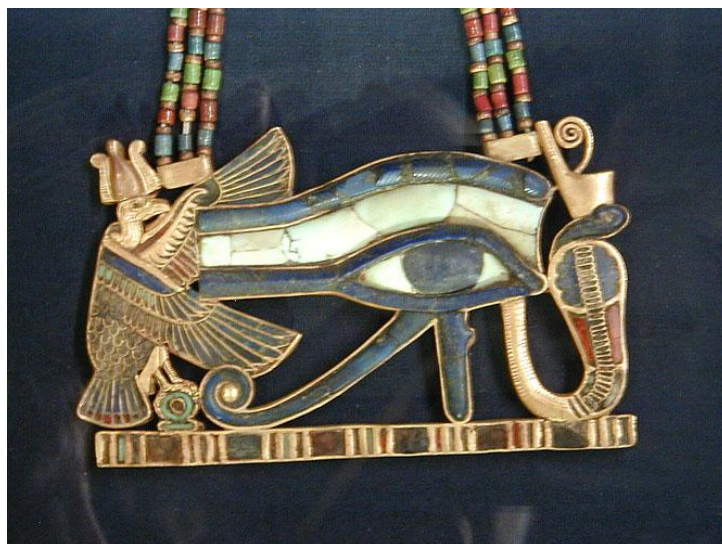


Ilustração 3 - Peitoral do faraó Tutankhamon (XVIII Dinastia): o olho udjat enquadrado e protegido pelas deusas Nekhbet (deusa-abutre do Alto Egito) e Uadji (deusa-cobra do Baixo Egito). Tesouro de Tutankhamon. Museu Egípcio do Cairo.

O benfazejo e apotropaico olho restaurado *udjat* era um dos amuletos mais comuns no Egito antigo. Ísis, a mãe de Hórus, era uma deusa que recebeu particular devoção na época helenística, em Alexandria, como divindade do mar e deidade dos marinheiros, tendo, nessa condição, conhecido uma considerável diáspora pelo mundo mediterrânico na época romana (tendo chegado até Roma e até à Península Ibérica).



Ilustração 4 - Pormenor do olho esquerdo de Hórus (olho-udjat) de uma bracelete em ouro e lápis-lazúli do faraó Chechank II (XXIV Dinastia). Tânis. Museu Egípcio do Cairo.

Não é de rejeitar que, além dos seus signos próprios (a sítula, o nó de vestuário, etc.), tivesse «trazido» também símbolos associados ao seu filho, neste caso o olho *udjat*. Verosimilmente, como signo de protecção e de segurança, pode ter sido associado aos marinheiros/ pescadores e à suas

embarcações, conhecendo, naturalmente, alguma «evolução» formal, resultante dos «contributos» directos de determinadas comunidades ou práticas.

Susceptível de constituir um campo de investigação futura sobre este problemática da transmissão da simbologia hórica de uma ponta do mundo (Mediterrâneo oriental/ Egipto) para outra (Mediterrâneo ocidental/ Atlântico) está o importantíssimo papel de «agentes culturais» desempenhado pelos Fenícios . Não foi seguramente apenas do ponto de vista económico que este viajantes oriundos da costa dos actuais países da Síria, Líbano e Israel marcaram a história do Mediterrâneo (recordemos apenas o alfabeto que legaram à civilização ocidental)... Por serem grandes navegadores e terem dominado vários pontos comerciais contactaram inevitavelmente com vários povos e várias civilizações, trazendo e levando, de forma consciente ou inconsciente, conceitos, ideias, artefactos, símbolos. A sua profunda ligação ao mar torna plausível que tenham sido particularmente sensíveis à diversa simbologia protectora daqueles que nele se aventuraram ou nele trabalhavam...



